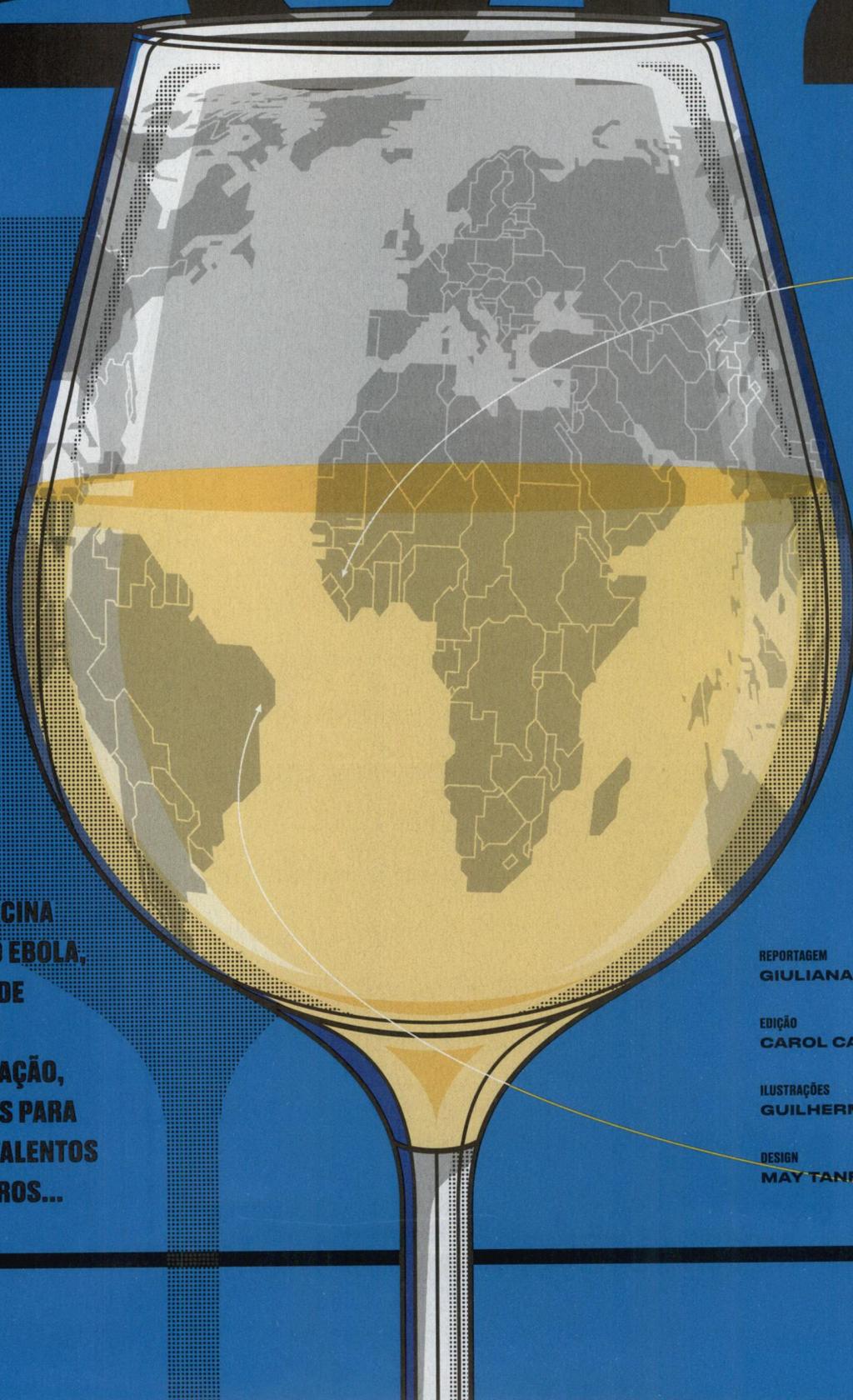


2017

(ATÉ QUE) FOI UM ANO BOM



**ROLOU VACINA
CONTRA O EBOLA,
CRIAÇÃO DE
ÁREAS DE
CONSERVAÇÃO,
MEDALHAS PARA
JOVENS TALENTOS
BRASILEIROS...**

REPORTAGEM
GIULIANA VIGGIANO

EDIÇÃO
CAROL CASTRO

ILUSTRAÇÕES
GUILHERME HENRIQUE

DESIGN
MAY TANFERRI

A

Ataques terroristas, crise política, incêndios devastadores, projetos de leis retrógrados, novos animais em risco de extinção. É tanta notícia ruim que um estudo norte-americano publicado pelo periódico *Gallup* concluiu: 2017 foi pior que 2016 — principalmente se (surpresa!) você for negro, pobre ou mulher. Mas não rolou só novidade baixo astral neste ano. É preciso apenas olhar para o “copo meio cheio”, ou seja, procurar com bastante carinho e vontade.

Veja, por exemplo, a história de Eden Carlson, americana de dois anos que se tornou um dos milagres de 2017. Após se afogar em casa e ser achada já sem pulso, Eden sobreviveu — mas perdeu quase todos os movimentos: não andava, não falava e não se alimentava sozinha. Uma tratamento experimental com oxigênio hiperbárico, porém, surpreendeu os pais e os médicos da garota, que voltou a rir, comer e até a mover alguns músculos.

Para você não pensar que é uma exceção no meio do caos, selecionamos outras dez notícias que vão até deixar 2017 com cara de um ano bom.

CRAQUES OLÍMPICOS



O Brasil ganhou quatro ouros e uma prata na OLAA de 2017. Veja a nossa evolução no quadro de medalhas do conhecimento

● Olimpíada Latino-Americana de Astronomia e Astronáutica (OLAA)

● Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica (IOAA)

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
OURO								
PRATA								
BRONZE								

DOENÇAS (QUASE) VENCIDAS



Em 2017, só 26 pessoas, no mundo todo, foram diagnosticadas com dracunculíase (ou verme-da-guiné) — uma doença causada pela falta de saneamento básico e que afetava mais de 3,5 milhões de pessoas há 20 anos. As larvas desses vermes se hospedam na parede do intestino e estômago e, um ano depois, na fase adulta, saem pela pele do hospedeiro. Outra doença prestes a ser extinta é a poliomielite, causada por um vírus que destrói as células nervosas da medula espinhal e causam paralisia. Do século 20 para cá, o número de vítimas da doença caiu 99,9% — somente 37 novos casos surgiram no último ano.

O BOM FILHO A CASA TORNA



A raça de cachorro mais antiga e rara conhecida por pesquisadores voltou a aparecer depois de 50 anos sumida. Quinze espécimes (com seus filhotes) do cão selvagem das montanhas da Papua Nova Guiné foram fotografados em 2016. Mas dá para colocar na conta de 2017, já que a confirmação veio apenas neste ano. E não foram só os cães que reapareceram. Em Sergipe, as baleias jubarte voltaram a nadar pelo litoral do estado durante a época de reprodução. Por conta da caça predatória, o número de baleias registrado por lá era de apenas 1,5 mil há 25 anos. Em 2017, 20 mil animais foram contabilizados, de acordo com o projeto Baleia Jubarte.

MUITO MAIS VERDE E AMARELO



O Brasil ganhou 282 mil hectares de áreas de preservação ambiental em unidades de conservação neste ano. Em uma tacada, um decreto assinado em junho ampliou a área do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, de 65 mil para 240 mil hectares; da Estação Ecológica Taim, no Rio Grande do Sul, de 10,7 mil para 32,7 mil hectares; e da Reserva Biológica da União, no Rio de Janeiro, de 2,5 mil para 8,6 mil hectares. Também foi criado o Parque Nacional dos Campos Ferruginosos, no Pará. Com 19 mil hectares, é a 328ª unidade de conservação do país — juntas, totalizam 79 milhões de hectares, ou 10% do território brasileiro.

NOVIDADE

O Pará ganhou Parque Nacional com 19 mil hectares



MULHER, BRASILEIRA E CIENTISTA



Nenhum lugar do mundo apresenta tanta igualdade de gênero quanto o Brasil — pelo menos quando o assunto é publicações científicas. É o que mostra o relatório *Gender in the Global Research Landscape*, publicado pela Elsevier, principal editora de artigos científicos. De acordo com ele, entre 2011 e 2015 as mulheres foram responsáveis por 49% dos artigos — melhora significativa, se considerarmos que, de 1996 a 2000, esse índice era de 38%.

Entre as cientistas está Celina Turchi, eleita pelas revistas *Time* e *Nature* como uma das personalidades mais relevantes do ano passado, por um motivo nobre: ela liderou a equipe responsável por associar o zika vírus à microcefalia. É tanto reconhecimento (e relevância) que Turchi inspira outras cientistas brasileiras, dentre elas Natália Teruel.

Aos 21 anos, Teruel tem mestrado em ciências moleculares e se especializou em neuroenvelhecimento. E representa bem as jovens promessas da ciência brasileira. “Fiquei feliz com o resultado da pesquisa, pois tenho muitas heroínas do Brasil na ciência”, conta. “É ruim que as pessoas ainda se surpreendam com isso, significa que ainda falta representatividade”.



PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Veja como é o percentual de autores e autoras em outros países

Homens
Mulheres

UNIÃO EUROPEIA

Homens
Mulheres

1 CANADÁ
Homens 58%
Mulheres 42%

7 REINO UNIDO
Homens 60%
Mulheres 40%

AVANÇOS NA MEDICINA



Até este ano, nenhuma vacina havia se mostrado 100% eficiente no combate ao ebola. E era necessário: em 2015, 28,6 mil pessoas foram infectadas com o vírus e 11,3 mil delas morreram por causa da doença. Depois de tantas perdas, principalmente no oeste da África, um grupo da Universidade de St. George, em Londres, conseguiu produzir uma vacina nova que apresentou bons resultados em adultos

68

e crianças. “Ainda não dá para comemorar, há

muito trabalho. É importante certificar-se de que pelo menos uma vacina seja licenciada”, lembra Rebecca Grais, diretora dos Médicos Sem Fronteiras. Tratamentos para outras doenças também evoluíram em 2017: pesquisadores do MIT descobriram uma proteína para a manutenção de memórias no cérebro de pessoas com Alzheimer, e cientistas eliminaram o HIV de seres vivos pela primeira vez, graças a uma técnica de edição de DNA.

SÓ FALTA FUNCIONAR



O primeiro satélite geoestacionário brasileiro foi lançado ao espaço em 4 de maio, do Centro Espacial de Kourou, na Guiana Francesa. E dará autonomia às Forças Armadas, fornecendo um canal de comunicação autônomo e totalmente operado no Brasil, além de ter a missão de levar internet de alta velocidade a todos os cantos do país. Só que nenhuma empresa se interessou em ficar com parte dos direitos do equipamento, que custou R\$ 2,8 bilhões. Enquanto isso, o aparato está lá no espaço — em desuso.



CORPINHO DE MODELO?



A França adotou uma medida inovadora na indústria da moda: modelos com mais de 16 anos terão de apresentar um laudo que comprove seu bem-estar e o índice de massa corporal adequado. Ou seja, precisarão provar que não estão magras demais ou anoréxicas. Algumas empresas já pararam de recrutar modelos que vestem tamanho inferior a 32. Além disso, todas as fotos comerciais editadas deverão apresentar o aviso “fotografia retocada”. “É preciso agir sobre a imagem do corpo na sociedade para evitar a promoção de ideais de beleza inacessíveis e prevenir a anorexia”, declarou Marisol Touraine, então ministra da Saúde, em um comunicado oficial do governo francês.

NOVO PERFIL

Agências mudaram o padrão de contratação



ANTES
Manequim
32 ou menos

DEPOIS
34 ou mais

O PAÍS DAS COTAS



A **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** e a Universidade de São Paulo (USP) aprovaram as regras para cotas raciais e sociais. Até então, cada departamento (ou instituto) definia como seria (e se existia) o processo de reserva de vagas — na USP, por exemplo, algumas escolas aumentavam o peso de quem havia tirado notas boas no Enem. Agora as regras valem para todos. Em 2018, 37% das vagas da USP (o índice chegará a 50%

até 2021) serão destinadas a vestibulandos da rede pública, e outros 13,7% a alunos pretos, pardos e indígenas (PPI). Já a **Unicamp** reservará 25% das vagas a autodeclarados PPI e 10% a alunos de escolas públicas. Segundo Daniel Duque, do Instituto Promundo, a política de cotas raciais paga parte da dívida histórica com essa parcela da população, mas deve ser temporária: “A melhor política social é aquela que se torna inútil depois de um tempo”, argumenta.

TODA FORMA DE AMOR



Em meio ao conservadorismo da Ásia, Taiwan radicalizou: legalizou o casamento gay — é o primeiro país da região a permitir a união entre casais do mesmo sexo. Antes da decisão, a Corte Constitucional do país afirmou que restringir o casamento a casais heterossexuais não compactuava com a Constituição, que prevê igualdade entre cidadãos. Depois de ver outros 14 países europeus legalizarem o casamento homoafetivo, a Alemanha, com atraso, concedeu aos gays o mesmo direito.

Conheça três brasileiros que viraram notícia em 2017 — nas áreas da educação e da ciência — e saiba por que vale a pena prestar atenção neles nos próximos anos



**PAULA
BEATRIZ
DE SOUZA
CRUZ**

Primeira diretora trans de escola pública

Em 2016, 15 profissionais da rede estadual de educação de São Paulo pediram para serem chamadas pelo nome social feminino, de acordo com sua identidade de gênero. Mas só neste ano a história de Paula Beatriz ficou conhecida: professora desde os 18 anos, formada em Letras e Pedagogia, ela é a primeira diretora transexual de uma escola pública. Paula ganhou o respeito e a confiança dos alunos da escola Santa Rosa de Lima, na zona sul da capital paulista, e virou ícone da luta LGBT.

“VIREI REFERÊNCIA POR REPRESENTAR A PARTE MAIS MARGINALIZADA DA COMUNIDADE LGBT”



**WEMERSON
DA SILVA**

Professor de Matemática, resgata alunos das drogas

Um dos dez melhores professores do mundo é brasileiro. Wemerson ficou entre os finalistas da premiação Global Teacher Prize deste ano, considerada o Nobel da educação. Com 27 anos e um diploma de Ciências Biológicas, ele mudou a vida dos estudantes de Nova Venécia (ES): a escola resgatou 90% dos alunos do ambiente das drogas e do tráfico. Wemerson ainda é responsável por um trabalho de recuperação do Rio Doce, afetado pela tragédia de Mariana (MG) no fim de 2015.

“PERGUNTO AOS ALUNOS COMO ELES GOSTARIAM DE APRENDER CADA ASSUNTO. ISSO FAZ TODA A DIFERENÇA PARA ELES”



**LOURENA
COSTA**

Está criando uma vacina contra a leishmaniose

A leishmaniose é causada por parasitas protozoários de mais de 20 espécies diferentes de Leishmania, mas não havia nenhuma vacina para prevenir todas elas — até agora. A pesquisadora Lourena Costa, da UFMG, desenvolveu um medicamento que apresentou bons resultados em animais, o que já é mais do que qualquer droga anterior. Agora ela vai para a Inglaterra para trabalhar na segunda parte de seu estudo — e tentar ajudar 1,3 milhão de pessoas afetadas pela leishmaniose anualmente.

“A SITUAÇÃO MELHOROU MUITO, MAS EM RELAÇÃO À HIERARQUIA AINDA HÁ MACHISMO NA CIÊNCIA”